



“EU QUERO UMA PESSOA PARA QUEM EU ME ENTREGUE DE CORPO E ALMA!”: AMOR, SEXO E FIDELIDADE EM RELACIONAMENTOS HOMOAFETIVOS.

Nathalya Cristina Ribeiro Trigueiro*, Márcia Swênia Brito da Silva

**Universidade Estadual da Paraíba – nathyribeiro01@gmail.com*

***Universidade Estadual da Paraíba – britoms10@gmail.com*

RESUMO: No contexto atual, existe um volume relativamente alto de discussões acerca das relações afetivas. Na composição da história da vida de cada pessoa, o amor, o sexo e a fidelidade são sentimentos e ações que se entrecruzam e revelam histórias, lugares e desejos, marcando assim a trajetória de cada sujeito humano. Neste sentido, nossa proposta de trabalho é discutir como nas relações homoafetivas esses sentimentos se consubstanciam. Para isto, realizamos uma pesquisa empírica de cunho etnográfico, juntamente com estudo teórico, o que proporcionou fazermos uma análise dos discursos dos indivíduos que se identificam como homossexuais em torno de relacionamentos afetivo-conjugais, enfocando as noções de amor, sexo e fidelidade. A pesquisa se efetuou através de entrevistas semiestruturadas entre casais de indivíduos homossexuais masculinos e femininos residentes na cidade do Natal. O estudo aponta que os informantes, mesmo possuindo especificidades em seus relacionamentos, possuem também semelhanças em relação aos relacionamentos heteronormativos. Os dados indicam ainda que os casais entrevistados trazem discursos conservadores, que são expressos em ambivalências que perpassam suas representações sobre sexo, amor e fidelidade, e desta maneira se aproximam do modelo heteronormativo, em sua versão dominante. Assim, essa pesquisa nos permitiu compreender que a sensibilidade evidenciada nas narrativas dos sujeitos participantes demonstra que eles também procuram uma pessoa para “entregar-se de corpo e alma”.

Palavras-chave: Casais homoafetivos; Amor; Fidelidade; Sexo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultante de uma pesquisa realizada na Graduação do Curso de Serviço Social e aperfeiçoado na atual experiência em Mestrado Acadêmico em Serviço Social, sendo derivado de estudo teórico e de pesquisa empírica de cunho etnográfico realizada entre casais homoafetivos, moradores da cidade de Natal/RN, que estão vivenciando ou vivenciaram recentemente, algum relacionamento de caráter afetivoconjugal, tanto sob a condição de namoro

quanto a de casamento. O trabalho compreende, assim, conjugalidade de maneira ampla, contemplando tanto casais que coabitam quanto casais que estabelecem vínculos amorosos-sexuais sem coabitação. A pesquisa teve o intuito de contribuir nos estudos sobre este tipo de relacionamento afetivo que passa a ganhar maior visibilidade a partir das mudanças que ocorreram na sociedade ocidental contemporânea após a segunda guerra mundial, a revolução sexual e os movimentos feminista e gay, levando em consideração um conjunto de representações



que os próprios casais homossexuais exprimiram perante os relacionamentos homoafetivos em seus diversos aspectos. O interesse pela realização dessa pesquisa surgiu devido ao fato de que é consideravelmente recente a presença de trabalhos acadêmicos no âmbito da pesquisa em Serviço Social que trabalhem a temática da homoafetividade, pretendendo assim, contribuir em âmbito acadêmico para esta discussão.

Este trabalho vem apresentar as falas dos informantes sobre os aspectos de amor, sexo e fidelidade dentro de uma relação homoafetiva, principalmente levando em consideração a sua experiência específica. Assim, são trazidas as vivências e as representações dos sujeitos ouvidos quanto às questões como sexo, amor e fidelidade nos relacionamentos homoafetivos.

METODOLOGIA

A coleta dos dados se deu no período de novembro de 2012 a janeiro de 2013, sendo realizada através de cinco entrevistas abertas gravadas e transcritas e cinco questionários respondidos pelos próprios informantes através de comunicação via e-mail. As entrevistas e questionários abrangiam aspectos como amor, sexualidade e fidelidade em relacionamentos homoafetivos.

Na apresentação dos dados, preservamos a identidade dos informantes, havendo a troca por nomes fictícios. Das dez entrevistas, foram ouvidas seis mulheres – destas, cinco ainda continuavam com suas parceiras e uma estava solteira, mas tinha saído recentemente de um relacionamento homoafetivo – e quatro homens – destes, dois estavam namorando, um encontrava-se em um “relacionamento aberto” onde estava “somente ficando”, sem haver ainda um “relacionamento sério” e outro estava separado, tendo saído de um relacionamento compreendido como “duradouro”. Os informantes possuíam uma faixa etária de dezenove a quarenta anos de idade, e os relacionamentos citados possuíam um período de quatro meses a treze anos de duração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Amor, sexualidade e fidelidade: entre discussões teóricas e representações dos(as) entrevistados(as).

A sexualidade e o amor são alguns dentre os diferentes aspectos que constroem a particularidade do humano, e é frequente a discussão, entre os estudiosos dos aspectos sociais das emoções no âmbito da Academia, se estes aspectos existem de forma



inteiramente ligada ou se podem aparecer de maneira independente um do outro. Discussões também são trazidas sobre como o contexto social e histórico vai interferir na concepção de amor e de sexualidade que cada indivíduo traz, pois ao se pesquisar sobre a história de cada um irá se perceber que as representações tidas como individuais são fatalmente coletivas (DURKHEIM, 2003) e também vão mudando de acordo com a cultura.

Nesse último século no Ocidente as mudanças em torno da sexualidade trouxeram, diferentemente de outras épocas, o direito de cada um ao prazer sexual, interferindo na paisagem social e admitindo uma nova ética da sexualidade.

Surgem os relacionamentos em que o amor e sexo estão separados, abrindo espaço para relacionamentos passageiros, fortuitos, que não visam compromissos futuros e em que predomina a sensorialidade, como também, surgem aqueles em que há uma busca por um envolvimento mais efetivo entre os pares, prevendo uma ligação de interesses e desejos continuamente negociados (HADDAD, 2011).

Desta forma, muitas são as definições dadas a esse sentimento, apesar de autores como Fleury (2011) acreditarem que, devido ao amor não ter limites, ele não poderia ser definido, pois uma definição já implicaria uma limitação. Mesmo assim,

muitos autores, cientistas e pensadores criam definições para o amor

A partir das diversas definições de amor, podemos perceber que durante o passar dos tempos foi-se construindo ou atribuindo a esse sentimento características diferentes, estando de acordo com o desenvolvimento tido pela sociedade.

A concepção de Ferreira (2004) nos leva a pensar sobre isso quando a autora mostra uma espécie de “mudança” do amor mais carnal, emotivo, individualizador, “natural” e corporal, como o “amor romântico”, para o amor mais racional, socializador, “cultural” e mais espiritual, como o “amor cristão”, comentando que o amor-eros (representado em Platão pela paixão) possui o excesso da idealização caracterizada pela psicanálise e no amor-caritas (representado em Kant pela benevolência para com o coletivo) há o excesso da sublimação, atravessando a desordem que fica entre idealização e sublimação do amor-amizade.

O amor romântico possui um caráter de idealização entre as pessoas da sociedade ocidental, desde seu surgimento entre os séculos XVI e XVII, aparecendo desde aí o desejo de encontrar a pessoa perfeita, que “nos complete” em todos os sentidos, que nos faça ter um sentimento de entrega total, algo inexplicável para muitos e na verdade impossível.



Durante conversas com os entrevistados, podemos perceber que essa idealização de amor também ocorre entre os casais homoafetivos, diferentemente do que o senso comum costuma pensar, ao acreditar que entre os homossexuais só há “perversão”, “curtição” e ausência de um desejo de compromisso.

Observemos a fala de Jéssica, que relata como conheceu sua namorada. Segundo ela, o último encontro antes de iniciar o namoro já teve, conforme seu relato, momentos de “carinho” e “amor”, mostrando o “amor romântico” em sua fala.

Nos conhecemos através de um grande amigo nosso [...]. Nosso primeiro contato foi por telefone e ficamos assim mais de um mês. Sempre marcávamos *pra* nos conhecermos pessoalmente, mas nunca dava certo. Isso tudo começou em fevereiro, depois do carnaval, e só nos conhecemos pessoalmente em abril [...]. *Ficamos* no primeiro encontro e foi muito bom [...]. Em um outro dia fomos a um churrasco. Durante a festa ela bebeu muito e o nosso amigo me deu a chave do apartamento dele para que eu a levasse para descansar um pouco. Cuidei dela e quando fui colocá-la para dormir nos beijamos e fizemos amor [...]. No outro dia ela me ligou e comentei com ela uma brincadeira feita por um paciente comigo, foi quando ela disse que eu o avisasse que minha namorada era ciumenta. Parei na mesma hora. Fiquei sem saber o que falar. E foi assim que ela me disse que estávamos namorando desde o dia anterior. (Jéssica, 26 anos).

Além disso, através da história de alguns entrevistados percebemos que há o que Béjin (1985) denomina de “coabitação juvenil”, ocorrendo entre aquelas pessoas que vivem como casais, mas não são casados legalmente, sendo isto considerado pelo autor o equivalente a um casamento, pois há uma tentativa de sintetizar aspectos da

vida conjugal (amor dentro do casamento) e da união extraconjugal (amor fora do casamento).

Maldonado (1986) mostra que uniões conjugais se tornam muitas vezes instáveis, pois só se mantêm enquanto conseguem satisfazer os desejos do casal, mas que após isso as pessoas não conseguem aceitar as diferenças existentes e as decepções resultantes da convivência, o que traz como consequência a separação, sendo mais fácil procurar um novo casamento do que arrepende-se de ter vivenciado uma relação insatisfatória. Podemos observar isso no relato de Júnior:

O meu primeiro relacionamento começou aqui inclusive, há treze anos. Convivemos por doze anos e oito meses, casado e tudo, com toda família aceitando de ambas as partes, e fomos felizes até enquanto durou. Mas eu mesmo que cansei pela forma dele. Assim, de só eu estar lutando a mais e ele não. Queria só aquela mordomia e tudo e aí eu vi que não estava dando mais certo. Eu conheci ele aqui no apartamento, aí embaixo, através de uma prima dele. Na época eu vinha do meu trabalho. Como eu sou amigo dela, então ela me chamou *pra* entrar *pra* consertar um aparelho de som dela porque ela não sabia, quando de repente ele me olhou e foi a partir daquele olhar. Só que eu dei um tempo de mais ou menos uns três meses, ele sempre ficando no meu pé, aí eu falei *pra* ele que eu nunca quis ficar por ficar *né?* Ele foi o meu primeiro caso no meu mundo gay. [...] E assim, eu não sou de beijar por beijar, de *ficar* por *ficar*, nem fazer amor por fazer. Eu quero compromisso. Então tentamos e esse relacionamento durou doze anos e oito meses, mas infelizmente todo começo tem um fim *né?* Nós estamos separados mesmo, vamos dizer em relação corpo a corpo, porque ele ainda morou na minha casa como amigo uns três meses. Era o maior amor que eu tinha, ou seja, ele era meu porto seguro, me sentia bem perto dele e tudo [...]. E então, resumindo: dia vinte agora vai fazer dez meses que



nós nos separamos de uma vez por todas. Ele foi *pra* casa da mãe dele e eu *pra* minha, porém somos amigos, mas tipo assim, eu não quero mais aproximação, porque foi uma relação ótima em umas partes e péssima em outras. (Júnior, 40 anos).

Devido a isso, Costa (2011) ressalta que durante o início de vida conjugal é preciso ter a consciência nítida de que o amor pode acabar, sendo necessário dedicar-se a ele com sensibilidade, delicadeza e espírito criativo para não o deixar morrer, promovendo assim um estado permanente de mudanças. Ora, Júnior, um de nossos informantes, relata que esse desejo de mudança, de trazer melhorias para o relacionamento, só era presente em si, tendo o seu companheiro a idealização de que Júnior jamais acabaria o relacionamento entre eles, fato que não ocorreu. Vejamos sua fala:

E outra coisa, nesse tempo todinho, sobre fidelidade, eu nunca traí, porque ele me completava em todos os sentidos. Até porque quando nosso relacionamento começou eu dizia muito *pra* ele “Meu amor, vamos tirar nosso casamento da UTI, tem que ser os dois, não só eu.” E ele nunca ligou, porque ele tinha a plena certeza que eu jamais iria chegar ao ponto de dizer “Amor, acabou”. Hoje ele chora pedindo *pra* voltar e tudo, mas eu não quero. (Júnior, 40 anos)

Desta forma, levando-se em consideração o pensamento dos autores acima, devemos estar atentos ao fato de que não é interessante iniciar um relacionamento amoroso de forma idealizada, mas sim com a consciência de que a vida à dois necessita de maturidade para enfrentar barreiras e superar as diferenças existentes entre os sujeitos, independentemente de estar vivenciando um relacionamento heterossexual ou

um relacionamento homoafetivo, caso contrário, características como fidelidade, companheirismo, entre outros, não estarão presentes no relacionamento que irá se vivenciar.

A fidelidade costuma estar ligada a algumas questões, sendo uma delas a sexualidade e a cultura da sociedade ocidental. Sabemos que esses dois aspectos (sexualidade e cultura) foram sendo transformados de acordo com as modificações tidas na sociedade, havendo concepções que foram mudando, como também havendo aquelas que ainda precisam de muitas discussões para poder serem alteradas não somente na teoria, mas também na prática. Bassanezi (2009) comenta que há uma representação na sociedade ocidental situando a traição masculina e a feminina diferentemente. Antes da revolução sexual esta situação era ainda mais frequente, já que o marido, mesmo sendo infiel, não poderia ser considerado como praticante de atos errôneos caso exercesse sua função de pai, marido e provedor da família, enquanto que as mulheres deveriam mostrar aos seus maridos que, como boas esposas, eram melhores companheiras que a amante, além de serem aconselhadas a terem um controle emocional, fugindo de tentações e impulsos para manterem-se fiéis aos maridos, mesmo que eles não agissem da mesma maneira.



Ora, não se pode dizer que esta condição mudou radicalmente na atualidade, mas, no entanto, hoje há uma história de lutas sociais que construíram certa consciência crítica nos segmentos mais avançados da sociedade.

Humberto mostra em sua fala que a diferenciação tida entre homens e mulheres ainda é muito recorrente nos tempos atuais, sendo aceita a traição dos homens, enquanto que não ocorre a mesma aceitação quando se trata de mulheres. O entrevistado ressalta que, para ele, fidelidade é uma questão de caráter, de personalidade, até mais do que cultural.

No geral, eu vejo que existe realmente muita infidelidade, principalmente, nos casais héteros, com relação aos homens *né*? Os homens acham, até por uma questão cultural, que é normal trair a mulher uma vez. Que o homem fez isso não porque não ama ela. Ele fez porque ele é homem... tem muito essa conversa! E eu já acho que isso é mais uma questão de personalidade, de caráter, até mais do que cultural. Eu acho assim, se você tem um caráter firme, se você sabe o que você realmente quer, se você está feliz com uma pessoa, se você está feliz com você mesmo, fidelidade é você estar feliz com você mesmo, entendeu? Eu aprendi que você não vai trair uma pessoa que você ama e nem vai trocar o que você construiu uma vida inteira, fazer com que a pessoa perca a confiança que ela tem em você, abrir mão de tudo isso por uma aventura, por uma coisa que você não sabe se vai ter amanhã ou não. (Humberto, 24 anos).

Ao ser questionada se há diferença entre a fidelidade no relacionamento heterossexual e no relacionamento homoafetivo, Rafaela diz que, em sua opinião, há sim diferenças, comentando que isso ocorre devido à cultura da nossa sociedade, que ainda faz a diferenciação em relação à

fidelidade entre homens e mulheres, diferenciação esta que não ocorre quando se trata de duas pessoas do mesmo sexo.

Tem sim, principalmente em relação ao papel dado para a mulher e para o homem, o papel dado pelo senso comum. O homem e a mulher sempre foi, desde criança, o menininho brincando com os carrinhos, e a menininha com a batedeira, e essas coisas. As crianças já crescem com um papel designado né? Então, pro homem, eles já crescem sabendo que pra eles é comum trair, que é permitido, que é uma necessidade, por exemplo, se a mulher for virgem eles têm que saciar a vontade deles e aí de alguma forma acaba traindo, e a mulher também, já cresce com essa percepção de que “se o namorado me traiu é porque não saciei as necessidades dele, então o problema é meu”, e aí quando você coloca duas mulheres, juntas, é outra coisa, é uma dinâmica totalmente diferente. Como dois homens também né? (Rafaela, 28 anos).

Rafaela comenta ainda que, em sua opinião, há divergência também entre os relacionamentos de heterossexuais e de homossexuais quanto à questão de sexo e amor estarem atrelados ou não, comentando que para os heterossexuais esses dois aspectos podem encontrar-se separados, enquanto que para os homossexuais, devem ser considerados juntos, ou caso contrário, é visto como traição.

No relacionamento heterossexual tem muito o pensamento: “ele me trai, mas é só sexo, ele me ama”, e no gay, o sexo e o amor são coisas totalmente atreladas. Se você, tipo, me ama, você faz sexo só comigo. O nosso sexo tem que ser perfeito comigo. Se você faz sexo com outra pessoa é uma traição completa, grotesca, inadmissível. (Rafaela, 28 anos).

Ainda sobre haver ou não diferenças de fidelidade entre os relacionamentos heteroafetivos e homoafetivos, alguns entrevistados consideram que não há



diferenças, porém, consideram que a sociedade os vê de forma divergente por acreditarem que os homossexuais são considerados “perversos”, que vivem somente na promiscuidade.

[...] é muito uma questão da pessoa, da vivência do casal, *tá* entendendo? Como por exemplo, os meus pais. Meu pai e minha mãe é um casal hétero e meu pai passou a vida toda *passando chifre* na minha mãe. Estão até num processo de separação porque ele está com uma segunda mulher. Então, não podemos dizer que, “ah, porque o homossexual é muito perverso”, como o senso comum fala muito. (Rogério, 22 anos).

Eu acho que isso está mais relacionado ao caráter de cada um. Agora existem estigmas que mudam a atitude e o comportamento das pessoas. Porque, o que o povo pensa do mundo gay? “ah, é promiscuidade, e *num* sei o que, *num* sei o que...”. E isso existe, mas não existe só no mundo gay, existe no mundo hétero também. Meu Deus, quantas meninas lá na faculdade que saem com um e com outro, isso não é promiscuidade não?! É muito diferente de um gay ir *pra* uma boate e ficar com um e com outro? Eu não acho que seja não! O povo fala muito porque é gay, mas não tem diferença. Eu acho que promiscuidade e fidelidade é tudo mais com relação ao caráter das pessoas e com a fraqueza de caráter também. (Humberto, 24 anos).

Essa imagem que as pessoas têm de perversão e promiscuidade relacionada aos homossexuais faz parte dos resquícios da história da sociedade ocidental, ainda existente nos tempos contemporâneos, nos quais a homossexualidade era enquadrada em vários países, como também no Brasil, como “doença psíquica” ou “perversão sexual”.

Ora, segundo Green (2000), a homossexualidade foi marginalizada e estigmatizada pela sociedade brasileira e durante décadas foi vista como doença e perversão, aparecendo

geralmente homossexuais brasileiros apenas em jornais nas páginas policiais ou em reportagens sobre o carnaval.

Concordando ainda com o fato de que a fidelidade não se diferencia entre os heterossexuais ou homossexuais, a maioria dos entrevistados ressalta que a fidelidade vai se distinguir de acordo com o caráter e a personalidade de cada um, não sendo determinada pela orientação sexual do indivíduo.

[...] O negócio é você ter o seu caráter, saber o que você quer na sua vida e você pesar na balança. Eu acho que vontade de trair todo mundo pode até sentir, mas o seu caráter é que mede o que vale a pena *pra* você ou não, se você queria estar no lugar do outro... A forma como você encara a vida e encara o seu relacionamento, entendeu? [...] (Humberto, 24 anos).

A gente vê a fidelidade e a infidelidade como algo normal em todos os relacionamentos, que acontecem com ambos, héteros e gays. Não vemos muita diferença no que diz respeito aos relacionamentos gays [...]. É uma coisa muito relativa, existem casais de gays masculinos que são extremamente fiéis e existem aqueles que traem. Da mesma forma são os relacionamentos femininos homossexuais. Acho que isso varia muito de pessoa para pessoa, e não de gênero. (Fernanda, 19 anos).

Acho que a única diferença que existe é a de caráter, não de sexo. (Márcia, 20 anos).

Sobre a infidelidade nos relacionamentos amorosos, as informantes Fátima e Camila acreditam que, apesar de se encontrar infidelidade em qualquer tipo de relacionamento amoroso, a traição entre homossexuais é mais fácil de ser descoberta pelo fato de o “mundo homossexual” ser



composto ainda por um menor número de pessoas:

Acredito que a fidelidade, independentemente de qualquer tipo de relação, anda muito ausente entre os relacionamentos nos últimos anos. Vejo que assim como há infidelidade no “mundo heterossexual” existe também no “mundo homossexual”. Na verdade, os princípios dos seres humanos estão deturpados em qualquer meio, seja ele homo ou heterossexual, entretanto, acredito que devido a quantidade de pessoas ser menor no meio homossexual, isso acaba sendo descoberto mais facilmente comparado ao heterossexual. (Fátima, 26 anos).

Eu acho que é muito difícil encontrar pessoas fiéis hoje em dia. As pessoas andam tão preocupadas consigo mesmas, com o agora ou nunca que não sabem mais manter uma relação monogâmica. E, ao mesmo tempo, não sabem admitir para si mesmas o fato de estarem sozinhas e poderem fazer o que quiserem. Então muitas pessoas que eu conheço ou sei da existência mantêm alguém ali, mas mesmo assim não perdem a chance de ficarem com outras pessoas que as interessem. Mas não vejo distinção entre relacionamentos heterossexuais ou homossexuais, acho que isso acontece da mesma forma e na mesma intensidade em ambos. Porém, o mundo homossexual é mais restrito, então ficar sabendo desse tipo de acontecimento é mais fácil já que quase todos se conhecem. (Camila, 19 anos).

Maldonado (1986) fala sobre as traições e relações extraconjugais existentes nos relacionamentos amorosos, explicando que em grande parte destes elas acontecem devido aos casamentos já estarem falidos, onde as pessoas continuam juntas por pura conveniência, sendo essa situação suportada muitas vezes por um dos cônjuges com o intuito de não ameaçar o casamento e todos os privilégios que possam advir deles.

Sobre esse fato citado por Maldonado, a informante Débora comenta que talvez os relacionamentos homoafetivos

terminem mais rápido por não haver nenhuma preocupação em cumprir um “status social”, diferentemente do que ocorre entre os heterossexuais.

[...] já com os gays é muito mais “entendível” porque os gays não têm compromisso social com nada, não *tá* nem aí. Talvez seja por isso que os relacionamentos gays acabem mais rápido. O casamento hétero pode estar uma *merda*, mas “vamos continuar porque a gente tem um papel social *pra* cumprir, a gente se mostra na sociedade como um casal há um tempo”... O gay? *Tá* nem aí. Vai *pra* balada, beija geral, porque não tem nenhuma obrigação. (Débora, 24 anos).

Durante muitos anos, na história da sociedade ocidental, a homossexualidade foi vista como uma forma de perversão, fazendo com que, até os dias atuais, ainda haja vestígios dessa historicidade da nossa cultura, como já apontamos neste trabalho. Esta representação também se dá no sentido de muitas pessoas ainda acreditarem que só há promiscuidade no meio social dos homossexuais, não havendo o intuito de ter um compromisso, um vínculo mais forte e duradouro entre estes.

Diante disso, é perceptível nas falas dos entrevistados que há, de fato, muitas semelhanças quanto às expectativas e idealizações acerca dos relacionamentos homoafetivos e heteroafetivos.

Durante a fala de Rogério podemos entender melhor sobre esse desejo que muitos homossexuais também possuem de compromisso, de ter um “companheiro de verdade”, quando este relata sobre sua



vivência de “ficadas” com um “amigo” que não quer assumir um relacionamento mais sério, atrelando assim amor à compromisso.

Não tem compromisso um com o outro, e, por exemplo, ele já me disse que tinha muito sentimento por um ex-namorado dele das antigas, mas que tinha esquecido e fica mandando mensagem *pra* mim, dizendo que me ama, e tal e tal, aí eu não entendo que amor é esse que não quer compromisso, não quer nada [...]. Eu tenho até vontade de perguntar a ele, o que ele quer de mim, porque eu tenho uma vida, eu quero ter um companheiro, e quero viver alguma coisa com uma pessoa *né*? Um compromisso! E eu não *tô* vivendo isso... (Rogério, 22 anos).

Para Humberto, compromisso em um relacionamento afetivo está atrelado à fidelidade e amor, é você viver feliz em uma relação monogâmica, ter uma pessoa ao seu lado para todos os momentos de sua vida, pensamento muito encontrado também entre os heterossexuais, mostrando novamente semelhanças em suas expectativas e idealizações afetivas.

Porque eu acho que traição não dá segurança a ninguém, porque eu não acho que transar com um e com outro seja a melhor coisa do mundo não! Por um momento da sua vida pode até ser, mas isso não traz felicidade a ninguém, porque você nunca vai ser amado de verdade, você nunca vai ter uma pessoa ao seu lado. (Humberto, 24 anos).

O informante Júnior, que vivenciou um processo de coabitação por quase treze anos, conta como está sendo após o término de um relacionamento tão duradouro, mostrando em sua fala que possui o mesmo pensamento que o informante Humberto, atrelando o compromisso em uma relação afetiva à monogamia e fidelidade, não apenas relacionado ao sexo, mas sim a estar com o outro em todos os momentos,

entregar-se totalmente, ressaltando que não são todos os homossexuais que pactuam deste modo de vida, desta renúncia de se relacionar com várias pessoas para estar apenas com uma, chegando alguns a reprender os que assim desejam viver.

[...]. Então, no meu lado gay, eu não quero uma pessoa *pra*, tipo assim, vir só me visitar e fazer, *tá* entendendo? Eu não quero. Eu quero casar novamente, ou seja, eu gosto de dizer que tem os gays e na linguagem vulgar tem os *viados*. Eu sou um gay. Eu quero ser de uma pessoa e ter essa pessoa *pra* mim. Eu não sou de estar com A e com B. Não gosto e nunca gostei [...]. Porque como eu te falei, eu gosto de compromisso, coisa séria. Como diz a música de Zezé de Camargo “eu não faço amor por fazer” ou beijar por beijar. Tem que ter respeito, tem que saber o que quer, *tá* entendendo? É diferente. Meus colegas gays também me discriminam muito por isso sabe? “Ah, porque você só quer ser santo”. Não, não é. É porque é de mim mesmo. Sempre quando eu descobri a minha opção de que eu queria meninos, como eu falei, namorei, beijei, mas dizer esse negócio que me entreguei totalmente, não! Foi só com ele que foi meu marido por doze anos e oito meses. Eu agora *tô* recomeçando do zero. (Júnior, 40 anos).

Diante disso, podemos concordar com Malpas (2011), em entrevista para o Jornal do Brasil no ano de 2011, que gays e lésbicas mostram, da mesma maneira que os heterossexuais, o desejo de compromisso em um relacionamento amoroso, apesar dos diversos obstáculos sociais existentes.

A realidade nos mostra bem que, mesmo vivendo nos tempos mais modernos, o preconceito ainda existente entre as pessoas da sociedade continua sendo um obstáculo para que os homossexuais possam assumir seus relacionamentos.



Basílio (2008) comenta que o cotidiano dos homossexuais em todo o mundo ainda se encontra marcado pelo tripé privação-opressão-discriminação, sendo a vivência homossexual considerada muitas vezes como uma das formas de manifestação da afetividade e da sexualidade que mais coloca em questão valores estabelecidos como fundantes da “condição humana”.

Acreditamos que é importante que se tente entender de forma mais esclarecida o preconceito e as dificuldades encontradas pelos casais homoafetivos ao buscarem exercer seu livre arbítrio de escolher com quem se relacionar e criar novas formas de viver.

Goldenberg (2001) comenta que temos o desafio de inventar o casal, o casamento, a família, a vida que queremos ter, obtendo maiores vantagens aqueles homens e mulheres que, ao sentirem-se responsáveis pela construção cotidiana da relação amorosa, não admitem uma postura vinda de falsas promessas de uma existência mais fácil e segura. Assim, Lino (2009) diz que através das transformações que foram ocorrendo nos relacionamentos amorosos com o passar do tempo, pode-se afirmar que o ser humano está cada vez mais “à procura de”, modificando não somente seu modo de se relacionar como também o modo de compreender a felicidade, o prazer e a si mesmo.

CONCLUSÕES

Durante o passar dos séculos, podemos observar, ao analisar a história da sociedade ocidental, que as concepções de amor, sexo e fidelidade foram transformando-se, havendo inclusive também novas concepções sobre a homossexualidade, que de “doença psíquica” e “perversão sexual” foi ganhando espaço na sociedade através de lutas diárias para quebrar essa visão tão negativista que era existente nos séculos anteriores, não somente no Brasil, mas em todo o mundo.

A heteronormatividade enquanto regra de “normalidade” surge no discurso médico a partir do início do século XX em um contexto de controle social de diferentes grupos humanos, dentre eles os indivíduos auto identificados com a sexualidade homoafetiva. Este discurso considera como normais apenas as relações entre pessoas de sexos diferentes, cogitando a heterossexualidade como única orientação sexual normal, tornando esse modelo hegemônico. Neste sentido, é que os homossexuais ainda sofrem bastante preconceito, através da predominante, heteronorma.

Na nossa sociedade, a heteronormatividade faz com que muitos dos próprios homossexuais tornem-se seus



reféns, pois como é bastante visível durante as falas, muitos deles buscam viver como heterossexuais. No mesmo sentido, ainda que o desejo de igualdade caracterize a modernidade, o que vem caracterizar o conservadorismo nas sociedades tradicionais é a hierarquia.

Desta forma, apesar de os informantes serem escolarizados, com a pesquisa podemos perceber que, alguns homossexuais, mesmo possuindo especificidades em seus relacionamentos, possuem também semelhanças com os relacionamentos constituídos por pessoas de sexos diferentes, ou seja, mostram-se conservadores, com discursos ambivalentes que perpassam em torno de suas representações sobre sexo, amor e fidelidade, assim como há no modelo predominante.

Entretanto, não devemos levar em consideração as representações feitas pelos informantes somente como uma visão de conservadorismo, mas também como pessoas que vivenciam um tipo de relacionamento afetivo-sexual diferente do predominante na sociedade, que lutam pelas diferenças e que possuem simplesmente os mesmos anseios que os heterossexuais.

Para trabalhos posteriores seria interessante ampliar a discussão também para outros tipos de relacionamentos afetivos que não se enquadram no modelo dominante, mas que buscam, da mesma forma que

os homossexuais, o reconhecimento social, como o relacionamento aberto, o poliamor, os DINKS, entre outros, analisando qual a representação que pessoas que trazem esse tipo de vivência possuem sobre o amor, sexo e fidelidade, buscando assim, entender de forma mais ampla a realidade afetivo-sexual em que os diversos tipos de pessoas estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, R. O. **Antigos sujeitos, novos direitos: as relações homoafetivas estáveis e o direito de reconhecimento**. Natal, 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, M. D. (org.) e BASSANEZI, C. (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

BÉJIN, A. O Casamento Extraconjugal dos Dias de Hoje. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

COSTA, G. P. Ensaio sobre a íntima e complexa relação entre o amor e o sexo: **Ide**, São Paulo, v. 34, n. 52, ago. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100014&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 25 de abril de 2013.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



FERREIRA, N. P. **A Teoria do Amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FLEURY, M. O sufismo e o amor – uma releitura do amor em Freud. **Ide**. São Paulo, v. 34, n. 52, p. 89-102, Ago. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v34n52/v33n52a10.pdf>> Acesso em 20 de abril de 2013.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, n. 1, 1, p. 89-104, 2001. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/Artigo%207%20-%20V1N1.pdf>> Acesso em 20 de abril de 2013.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Editora da Unesp, 2000.

HADDAD, G. Encontros amorosos: amor, paixão e desejo na cultura moderna. **Ide**. São Paulo, v. 34, n. 52, p. 89-102, Ago. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100013> Acesso em 20 de abril de 2013.

LINO, M. V. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. **Revista IGT na Rede**, v. 6, nº 10, p. 2-13, 2009. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.igt.psc.br%2Ffojs%2Finclude%2Fgetdoc.php%3Fid%3D1311%26article%3D240%26mode%3Dpdf&ei=iamoUf7wGcXJ0gGQ0YDIBQ&usq=AFQjCNF0tN2M4UdriQSJqUSjv_KcFWObtQ&sig2=Pa-cRT9DCyk5NcTXPcjpHA&bvm=bv.47244034,d.dmQ> Acesso em 06 de março de 2013.

MALDONADO, M. T. **Casamento: término e reconstrução**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MALPAS, J. O valor da diferença. Rio de Janeiro, **Jornal do Brasil**, 17 de maio de 2011. Entrevista a Luisa Bustamante. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/jb-premium/noticias/2011/05/17/entrevista-jean-malpas-o-valor-da-diferenca/>> Acesso em 21 de abril de 2013.

TRIGUEIRO, N. **Casais Homoafetivos: entre amor, sexo e fidelidade**. 71f. Monografia (Graduação em Serviço Social), UFRN, Natal, 2013.